TEATRO DA TRINDADE
INATEL

A PEÇA PARA DOIS ATORES

DE TENNESSEE WILLIAMS ENCENAÇÃO DIOGO INFANTE

Li pela primeira vez *A Peça para Dois Atores* há mais de trinta anos. O impacto que teve em mim na altura, um jovem ator com uma mala cheia de sonhos, não difere muito do impacto que tem agora. A sorte de muitos desses sonhos se terem realizado não muda a ressonância que este texto tem em mim, mas talvez tenha sido necessário esperar todo este tempo, para enfrentar o desafio que esta peça representa.
A verdade é que ao longo dos anos, fiz várias tentativas de a levar à cena e em todas elas o denominador comum, na minha cabeça, era o palco do Trindade, pensando em tirar partido da cena despida, polvilhada com restos de personagens, restos de cenários, restos de adereços. Há no texto um fatalismo neurótico e claustrofóbico, em que as personagens atores não sabem como parar, precisam desesperadamente de continuar, porque já não há casa para onde voltar, a sua casa é onde existir um teatro.

Esta é a terceira vez que enceno Tennessee Williams - depois de *Jardim Zoológico de Cristal*, em 98, com a maravilhosa Carmen Dolores, na sala Estúdio do Teatro Nacional D. Maria II, seguiu-se *Um Elétrico Chamado Desejo*, em 2010, também no TNDM II, com Alexandra Lencastre em Blanche Dubois. O meu fascínio por este autor começou no cinema, ao assistir a adaptações de muitas das suas obras: *Gata em Telhado Zinco Quente; Bruscamente no Verão Passado; A Rosa Tatuada; Doce Pássaro da Juventude; A Noite da Iguana*, entre outras. Há em Tennessee Williams um realismo psicológico que combina revolta e frustração com segredos e sensualidade, mantendo uma tensão narrativa que nos asfixia e nos faz sentir coisas, nem sempre bonitas ou agradáveis.

A Peça para Dois Atores, quando estreou, esteve longe de ser um sucesso e foi, de entre as suas peças, a que mais tempo demorou a escrever, chegando a ter várias versões. A que optei por utilizar neste espetáculo é a derradeira, a mais compacta e mais “simples”.
Um homem e uma mulher, irmãos e atores estrelas em final de uma digressão demasiado longa, são abandonados pela restante companhia, que os acusa de estarem loucos, e são forçados a representar uma peça em que os dois irmãos são as próprias personagens da peça que representam, encontrando-se trancados numa casa e incapazes de saírem dela, depois do pai ter morto a mãe com um tiro, tirando a sua própria vida de seguida.

Ao recorrer a temas do seu imaginário biográfico e colocá-los num espaço teatral, Tennessee Williams decide, nesta fase da sua vida, sair da sua zona de conforto, que tanto sucesso lhe proporcionou, e coloca-nos perante um universo de sucessivas camadas de texto e subtexto, que se prestam a várias leituras, num jogo visceral, cruel e sarcástico, cujo significado, não sendo sempre evidente, é sempre intenso, interessante e, por vezes, muito comovente.

Encontrei na Luísa Cruz e no Miguel Guilherme, atores com quem, curiosamente, nunca tinha trabalhado, os intérpretes perfeitos para estas personagens maravilhosamente complexas no seu desequilíbrio, na sua humanidade cansada e carente. Há muito que os admirava, mas poder ter testemunhado o seu talento e generosidade, na forma como se entregaram ao processo e potenciaram esta proposta, é motivo de grande prazer e orgulho para mim. Umas palavras ainda, seguramente insuficientes, para reconhecer o precioso contributo das equipas do Trindade, do Flávio Gil, que me assistiu, e dos criativos Miguel Seabra, Marta Carreira e Rui Rebelo. A nossa proximidade humana e artística facilitou o entendimento implícito dos caminhos a percorrer e as escolhas que daí resultaram.

Parafraseando Clare, vocês são os meus preferidos da natureza, por isso espero que desfrutem da peça, não se ofendam com as frases que vos são dirigidas e, sobretudo, não abandonem os vossos lugares!

Diogo Infante

EIKI

TEATRO / LABIRINTO

A peça para dois atores (The two-character play), de Tennessee Williams, estreou em Londres em 1967 e teve a primeira edição em 1969, em Nova York. Foi várias vezes reescrita, teve uma versão intermédia em *Out cry*, de 1973, e a versão que serve de base a este espectáculo corresponde à última versão do texto, revista em 1975. O autor é, a par de Arthur Miller, uma das figuras de destaque daquilo que habitualmente se designa como "realismo psicológico" do pós-guerra norte-americano. É um autor comummente referido como "freudiano", como autor da "nostalgia", do sonho, do sul…

Da vida de Thomas Lanier Williams (1911-1983), ou Tennessee Williams, sobressai a lenda: a sua devoção às mulheres dedicadas e frágeis, mãe e irmã; o pai problemático e ausente; a sua própria instabilidade psicológica e afectiva; o seu amor-ódio pela realidade sulista e por tudo o que esta representa: por um lado, o puritanismo repressivo, por outro lado, o espírito pioneiro que ele tenta canalizar, para as artes, através do pseudónimo 'Tennessee'.

O seu 'realismo psicológico' – designação instável – é um supra-realismo em que o recurso ao absurdo, no sentido daquilo que é surdo, que não soa, mas que perturba, chama, grita por vezes, é a forma mais verdadeira de transposição do real. O mundo das suas personagens é o daqueles homens e mulheres que, nas fronteiras das normas sociais, se desejam, se odeiam, se entrechocam, num ambiente limítrofe entre requinte e violência, é o dos corpos que transpiram, palpitam, sofrem convulsões dentro dos seus figurinos elegantes, muitas vezes desadequados à selva em que se movem. Este é um realismo que está impregnado de aspectos expressionistas, como se fossem peças realistas que protestam contra o realismo ou que pugnam por retratos de vida completados pela beleza lírica, ao menos no plano da memória das personagens, já que as suas vidas quotidianas são, frequentemente, apenas um pouco menos que lamentáveis.

Como contraponto ao termo 'realismo psicológico' surge por vezes o termo 'naturalismo poético' como mais adequado à caracterização da obra deste autor. Ao entendimento literal de realismo, alguns criadores teatrais tal como o cenógrafo Jo Mielziner (1901-1976) acrescentaram soluções cénicas mais abstractas. A poética visual deste artista era marcada pelo uso de telas e iluminação para criar efeitos de velatura, jogos de transparência e opacidade, que procuravam acrescentar dimensões cénicas menos figurativas e que melhor

traduzissem a situação interior das personagens na cena. Tennessee Williams e Jo Mielziner colaboram entre 1945, com o espectáculo *The glass menagerie* (*Jardim zoológico de cristal*), em Nova York, até aos anos de 1960.

A forma como ambos entenderam o teatro está fortemente marcada pelas técnicas emergentes da Rádio e do Cinema dos anos de 1930-1940. Neste contexto, é muito significativo o encontro de Tennessee Williams com Elia Kazan, homem de teatro e de cinema, que lhe traz "o método" das acções físicas, a psicologia na cena, a ambiguidade dos comportamentos humanos, traços que são definidores do teatro de Williams, teatro ancorado nos fantasmas da subjectividade.

Um tema recorrente na obra de Williams é a solidão. No prefácio a *Cat on a hot tin roof*, de 1955, Williams afirma: "Personal lyricism is the outcry of prisoner to prisoner from the cell in sollitary where each is confined for the duration of his life". O seu teatro é sobre o impacto destrutivo que o Mundo pode ter no indivíduo sensível, não-conformista, é sobre a sua luta desigual com o antagonismo universal percebido como maligno e implacável. Esta luta é desproporcionada e Williams é simultaneamente romântico e realista na apresentação das tentativas das personagens para se conectarem umas com as outras, tentativas desesperadas e tragicamente devotadas ao fracasso. Muitas destas personagens são marcadas por um desacerto com a vida, apenas têm sonhos e quimeras para contrapor à força bruta desse Mundo que desafiam com galanteria patética e com uma ineficácia tal que cedo fica claro que nunca ganharão a batalha.

Esta obra, *A peça para dois atores*, é da fase tardia do autor. Esta fase é marcada por opções cada vez mais líricas, simbólicas, alegóricas e até mesmo de cariz surreal e grotesco, como se o autor procurasse expandir as suas estratégias de expressão, tanto do ponto de vista imagético, como do ponto de vista verbal com o recurso frequente à aliteração, aos jogos de palavras, às repetições e interrupções, a todas as possibilidades criativas, tais como o uso da forma 'teatro dentro do teatro'. Recurso antiquíssimo, definido pela auto-referencialidade, em que o teatro se pensa a si mesmo através do desdobramento, da replicação da própria situação teatral. Forma amplamente explorada após o Renascimento, esteve muito ligada ao tema do ser humano como mero actor no grande Teatro do Mundo. No teatro do século XX o uso desta forma permaneceu, ganhando novas conotações, refletindo o gosto pela ironia e pelas formas que experimentalmente exponham a indissociabilidade entre vida e arte. Esta dimensão meta[1]teatral concretiza-se aqui, também, no uso recorrente do vocabulário teatral e nas pequenas revisitações ou reenvios do autor para aspectos de outras das suas obras. Por exemplo, Felice é autor com laivos de memorialista tal como outras personagens suas: Tom de *The glass menagerie*, o Escritor de V*ieux Carré*, August em *Something cloudy, something clear*; a tiara de Clare replica a imagem de Blache de *Um eléctrico chamado Desejo*…

"It's the history of what I went through in the sixties transmuted into the predicament of a brother and a sister…" disse Tennessee Williams numa entrevista à revista *Play Boy*, em Abril de 1973. Esta é, então, e mais uma vez, uma obra com características auto-biográficas. Mas será que a obra precisa de uma abordagem 'psicanalítica'? É sobretudo uma obra de meias palavras, do não-dito, do vácuo, em que a morte, a sua sugestão, está sempre lá, mal-escondida, debaixo da almofada, dentro da peça dentro do teatro de atmosfera claustrofóbica, daquele espaço teatral e mental. Os dois irmãos, Clare e Felice – a ironia dos nomes, Felice e Clare Devoto, nada nele remete para felicidade, nada nela é claro – estão entregues a um jogo de duplos. Estão fora do seu ambiente, está frio, querem voltar ao Verão, à sensação de Verão. Felice usa as simulações que ele inventa para fugir da sua vida e de si próprio. Parecem procurar uma verdade, mas qual será ela?

São personagens que estrebucham, como peixes fora de água, perante a inevitável derrota, com o seu quê de trágico porque inescapável. Estão emboscados, confinados, no labirinto, o "labirinto do desespero". Clare diz: "Perdemos a noção do que se passa nas nossas vidas". Que coisa é o labirinto! No Teatro, ao menos, segue-se uma acção; Felice e Clare, os da peça dentro da peça, sabem o que se vai dizer a seguir. Este teatro dentro do teatro, este teatro que é como um dispositivo para agarrar o real, lidar com a vida, é um teatro de labirintos. Que confortáveis são os limites do Teatro! Já a vida e os seus caminhos conduzem por vezes a caves sem saída.

Margarida Tavares
Professora Adjunta, ESAD.CR | Politécnico de Leiria

Nota: Este texto não foi escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico

Do dramaturgo norte-americano Tennessee Williams, “A Peça para Dois Atores” (*The Two Character Play*) foi levada a cena pela primeira vez em 1967, em Londres, e foi considerada pelo próprio como a sua peça mais bonita desde “Um Elétrico Chamado Desejo”.

Um homem e uma mulher, irmãos e atores estrelas em final de uma digressão demasiado longa, são abandonados pela restante companhia, que os acusa de estarem loucos, e forçados a representar uma peça em que os dois irmãos são as próprias personagens da peça que representam. À medida que a peça dentro da peça se desenrola, a linha entre a realidade e a ilusão torna-se cada vez mais ténue e os irmãos são obrigados a lidar com os seus próprios fantasmas, num jogo trágico-cómico que os conduz ao limite.

A peça fala-nos de saúde mental e de confinamento forçado, temas que nos são assustadoramente familiares e que justificam plenamente a revisitação deste texto tão especial.

SALA CARMEN DOLORES
27 ABR A 25 JUN
QUA A SÁB 21:00, DOM 16:30

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

De **Tennessee Williams**
Tradução e encenação **Diogo Infante**
Com **Luísa Cruz e Miguel Guilherme**
Cenografia e figurinos **Marta Carreiras**
Desenho de luz **Miguel Seabra**
Sonoplastia **Rui Rebelo**
Assistência de encenação **Flávio Gil**
Assistência de cenografia e figurinos **Martim Rodrigues**
Direção de cena **Pedro Viegas**
Operação de luz **Pedro Gonçalves**
Operação de som e vídeo **Antonio Pinto**
Fotografia de cartaz e spot **TV Pedro Macedo - Framed Photos**
Fotografia de cena **Alípio Padilha**
Produção **Teatro da Trindade INATEL**

M12
Duração 85 min.

Agradecimento **Stephane Alberto**

Nota: O trono utilizado em cena é da autoria do cenógrafo Stephane Alberto, para o espetáculo "Macbeth", de William Shakespeare, encenado por Bruno Bravo e apresentado no Teatro da Trindade INATEL, em 2007.

TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística
Diogo Infante
Direção Executiva
Hugo Paulito
Secretariado Direção
Elisabete Duarte
Tesouraria
Telmo Martins
Produção
Andreia Rocha e Maria Cancela
Comunicação
Raquel Guimarães (Coordenadora)**, Adriano Filipe,**
Alexandra Gonçalves e Miguel de Jesus Pereira (Designer)
Acolhimento de Público
Rita Martins
Núcleo de Cena
Nuno Pereira (Coordenador)
Direção de Cena
Pedro Viegas e Rosário Vale
Iluminação
Hugo Cochat e Pedro Gonçalves
Som
Rui Santos
Audiovisuais
Antonio Pinto
Palco
Filipe Bastos
Manutenção Geral
Vítor Albuquerque
Técnicas de Limpeza
Helena Gameiro (Encarregada)**, Elsa Fernandes, Fernanda de Jesus**
Bilheteira
Beatriz Reis e Luísa Oliveira
Acolhimento / Portaria
Carla Aniceto e Ovisegur – Vigilância e Segurança Lda

www.teatrotrindade.inatel.pt

INATEL FUNDAÇÃO
REPÚBLICA PORTUGUESA
APOIOS
PARCEIROS
MEDIA PARTNERS
M 12
2023
© Pedro Macedo Framed Photos